

---

**Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade do Estado do Pará  
Belém-Pará- Brasil**



---

Revista Cocar V.13. N. 27. Set./Dez./ 2019 p.827-843

ISSN: 2237-0315

---

**Língua, cultura e identidade: desafios dos indígenas no ambiente escolar urbano  
de Boa Vista/RR**

Language, culture and identity: challenges of indigenous people in the urban  
school environment of Boa Vista / RR

Leila Adriana Baptaglin

**Universidade Federal de Roraima – UFRR**

Wellen Crystinne de Araújo Sousa

**Secretaria Estadual de Educação - Roraima**

Boa Vista – Roraima - Brasil

**Resumo**

Esta pesquisa tem o objetivo de compreender como o ambiente escolar urbano influencia na construção identitária do aluno indígena. Para desenvolver esta pesquisa foi feito um acompanhamento do aluno indígena. Para abordagem metodológica utilizamos uma metodologia de caráter qualitativo. Utilizamos para suporte da coleta e registro de dados, os seguintes instrumentos: observação participante na escola, entrevistas, conversas informais e a construção de diário de campo. O estudo apontou os constantes conflitos em que o aluno indígena convive em relação às diferenças que o mesmo encontra na escola da cidade e na escola da sua comunidade. Percebemos as diferenças de uso das línguas Portuguesa e Wapixana usadas pelo sujeito, ficando restrito o uso da língua indígena à comunidade. Por fim, seu desalento e desconforto por meio à cosmovisão que as pessoas têm em relação a sua identidade indígena.

**Palavras-chave:** Cultura. Identidade. Indígena

**Abstract**

This research has aims to understand how the urban school environment influences the identity construction of the indigenous student. To develop this research, the indigenous student was followed up. For methodological approach we use a qualitative methodology. We used the following instruments to support the collection and recording of data: participant observation at school, interviews, informal conversations and construction of field diary. The study pointed out the constant conflicts in which the indigenous student lives in relation to the differences that he finds in the school of the city and in the school of his community. We perceive the differences of use of the Portuguese and Wapixana languages used by the subject, being restricted the use of the indigenous language to the community. Finally, their discouragement and discomfort through the worldview that people have in relation to their indigenous identity.

**Keywords:** Culture. Identity. Indigenous

## **Introdução**

O Brasil é um país extenso que apresenta as mais diversas manifestações culturais. Diante dessa diversidade destacamos a cultura indígena, que tem seus direitos sociais assegurados, previstos em Lei. O artigo nº 231 da Carta Magna mostra que “são reconhecidos aos indígenas sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições” (BRASIL, 1988). O referido artigo evidencia a existência das comunidades indígenas, assegurando-lhes o direito à diferença, de ser e permanecer como indígena, bem como, o respeito ao modo de interação com o mundo e a sua identidade cultural. Isso decorre a partir do reconhecimento dos brasileiros em sua organização social, costumes, tradições e línguas. Nesse sentido, a diversidade étnica é refletida e faz parte da constituição da identidade nacional existente no Brasil.

De acordo com o levantamento realizado pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI, 2007), órgão brasileiro que tem o objetivo de proteger e promover os direitos concedidos aos povos indígenas em território brasileiro, o estado de Roraima, loco dessa investigação, possui as seguintes populações indígenas que compõem a sua paisagem étnica cultural, são elas: Makuxi, Taurepang, Ingaricó, Wapixana, Yanomami, Yekwana, Sapará, Wai-wai, Patamona e os Waimiri/Atroari.

Ainda, de acordo com dados da FUNAI (2007) no Brasil existem 324.834 indígenas residindo em área urbana. Em Roraima é comum famílias de indígenas migrarem das comunidades para a capital, Boa Vista. Dentre as etnias que se destacam morando no ambiente urbano temos maior número das etnias Makuxi e Wapixana (FREITAS, 2003).

Desta forma, é comum os filhos de indígenas, ao migrarem para a cidade, estudarem em escolas da rede Municipal e Estadual. Este fato e suas diversas vertentes, identitárias, culturais e linguísticas, tornam-se importantes de serem investigados, tanto pela sua singularidade, quanto pelo número reduzido de pesquisas encontradas com esta temática no Estado de Roraima.

Esta pesquisa tem o intuito de proporcionar uma maior visibilidade de como o ambiente escolar urbano influencia na construção identitária do aluno indígena. Tomamos como base a Constituição Federal de 1988, a qual dispõe no Art. 210 que:

Serão fixados conteúdos mínimos para o Ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais. 2. O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem. (BRASIL, 1988, Art. 210).

A Constituição assegura a importância do reconhecimento da diversidade cultural do povo brasileiro e deixa explícito o ensino e o respeito aos valores culturais voltados aos povos indígenas. Portanto, percebemos o aluno indígena como indicativo da diversidade que forma a identidade nacional legalmente reconhecida a brasileiros.

A proposta deste estudo está voltada, especialmente, ao ambiente escolar urbano, o qual percebemos como um lugar híbrido, rico em trocas de experiências e contato entre alunos indígenas e não indígenas; contato este que ocorre constantemente com o outro e que corrobora com o processo de construção identitária para ambos.

Esta pesquisa objetiva compreender como o ambiente escolar urbano influencia na construção identitária do aluno indígena. Temos como objetivos específicos discutir as situações em que o aluno indígena faz uso das línguas Portuguesa e Wapixana; as atitudes que o aluno indígena expressa em contato com o não indígena e, com isso, problematizar a maneira em que o aluno vivencia a cultura indígena no ambiente escolar.

Adotamos nesta investigação fundamentos teóricos segundo autores como Ortiz (1998), Bhabha (1998), Hall (2006, 2009), e mais especificamente, autores que discutem os conceitos de cultura e a identidade como: Laraia (1932), Geertz (1989), Cuche (1999). Estes autores nos possibilitam aprofundar o olhar sobre as questões regionais e adensar as problemáticas pontuadas no estado em relação a diversidade étnica.

A pesquisa em foco é um estudo de caso que segundo André (2005, p. 26) apresenta-se como “o estudo descritivo de uma unidade, seja uma escola, um professor, um aluno ou uma sala de aula”. Assim, entendemos que a pesquisa qualitativa busca solução para questões muito particulares os quais buscam investigar um universo de significados, de motivos, de crenças, de valores e de atitudes através de fenômenos que não podem se reduzir a números.

O contexto desta investigação é uma escola estadual de Roraima, situada num bairro periférico da capital Boa Vista. Nesta escola buscamos trabalhar com o aluno

indígena Wapixana do sexo masculino que estudava no 9º ano. Ele apresentava 14 anos de idade e é da etnia Wapixana.

Para a participação do menor de idade nesta pesquisa, contamos com a autorização dos pais/ou responsáveis em concordar com a sua contribuição voluntária. A investigação com esse sujeito ocorreu a partir de observação participante; diário de campo e, por fim a entrevista informal. A observação participante, para Gil (2008 p.103) “consiste na participação real do conhecimento de vida na comunidade, do grupo ou de uma situação determinada”, assim como para Lakatos e Marconi (2011, p. 194) constitui-se de uma observação com a “participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo” desta forma, o pesquisador participou e conheceu o local pesquisado. O *diário de campo* para Gil (2008) é um instrumento de coleta onde são relatados com detalhes, o que aconteceu naquele momento e, a *entrevista informal a qual segundo Gil (2008)* é uma entrevista que é pouco estruturada e não exige uma rigidez de roteiro, desta forma foram trabalhados tópicos a serem discutidos durante a organização das perguntas para a entrevista.

Assim sendo estivemos diretamente em contato com o sujeito em análise observando e participando do ambiente onde a pesquisa é realizada. Importante esclarecer o pesquisador faz parte do grupo escolar.

Os dados foram organizados em um processo de triangulação e, as narrativas do sujeito entrevistado foram interpretadas por meio da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). Assim sendo, para conseguirmos uma melhor percepção e apresentação dos registros obtidos nas narrativas dadas pelo sujeito de pesquisa foram organizadas categorias que desenvolveram a temática da investigação.

### **Escola: a integração da cultura indígena com a cultura do não indígena.**

Para contextualizar o estudo sobre o aluno indígena na escola do aluno não indígena, é essencial levar em consideração o histórico do Estado de Roraima e compreender alguns aspectos acerca da educação e do ambiente escolar urbano, em nível global, nacional e regional, considerando que o aluno desta pesquisa se encontra em Roraima.

O estado de Roraima é multicultural, é composto por terras indígenas e comunidades que estão distribuídas em quase toda região, o que possibilitou muitas

lutas enfrentadas por estes povos na demarcação e direitos de suas terras. Alguns teóricos como Melo (2013), Silva (2001) acreditam que este fato pode ter sido fator preponderante para as migrações e miscigenação entre as diversas etnias. Assim, é comum encontrar indígenas filhos de pai Macuxi e mãe Wapixana, ou ainda relações de paternidade e maternidade entre etnias. Além dos indígenas, o estado recebeu muitos imigrantes e estrangeiros em seu processo de colonização (nordestinos, gaúchos, paulistas, venezuelanos, guianenses) e possui uma crescente população de grupos indígenas, que moram em comunidades e também na zona urbana.

Todavia, a preocupação das escolas urbanas em atender alunos indígenas vem sendo uma constante, mas que não tem dado conta das demandas. Isto decorre por alguns fatores, entre eles: a implantação e adoção de políticas de inclusão para alunos indígenas. Destacamos que o atual sistema educacional brasileiro é regido por meio de regulamentadores como: a Constituição Federal de 1988; a LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) nº 9394/96 e, mais especificamente, em se tratando da educação indígena, a Lei 11.645 de 2008. Ainda, no Brasil, o sistema educacional básico divide-se em três segmentos são eles: Educação Infantil, Ensino Fundamental (ensino básico - no qual está inserido o sujeito desta pesquisa) que incluem crianças e adolescentes, e Ensino Médio (ensino secundário) para os adolescentes que já concluíram o ensino fundamental.

Para Santos e Secchi (2013), uma reflexão válida ao aliar a educação e os povos indígenas é a percepção de que um aluno indígena, não necessariamente, vai para a escola do não indígena porque quer, e sim, pela falta e/ou a precariedade do ensino nas comunidades indígenas. Deste modo, os autores colocam que os indígenas se submetem a uma educação que, embora calcado em valores múltiplos, na prática o que se evidencia é uma educação baseada em parâmetros ocidentais.

Ao iniciarmos a investigação, percebemos que no registro de matrículas não é apresentado o Registro Administrativo de Nascimento Indígena (RANI), o que dificulta o quantitativo de alunos indígenas matriculados nas instituições escolares estaduais de Boa Vista/RR. Partindo deste fato, torna-se complexo compreender como a escola trabalha a recepção e desenvolve as atividades cotidianas com seus alunos indígenas. O que é

preocupante, uma vez que não há dados quantitativos da existência dos indígenas no ambiente escolar.

Conforme exposto na LDBEN 9394/96 no Art. 79 é legitimado e reconhecido o direito dos povos indígenas à educação. Vejamos também o parágrafo 2º da Lei 11.645/2008:

Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.

É nítida a preocupação das Leis com a educação escolar dos indígenas no país; porém, ainda assim, é necessário pensar em políticas públicas fortalecidas, que visem a atender à necessidade dos indígenas na escola urbana, pois, fica evidente que ainda há um longo caminho a ser concretizado nas instituições de ensino.

Quanto ao currículo, os conteúdos ministrados na instituição seguem os mesmos das escolas brasileiras embasadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), a metodologia utilizada pelos professores é de aulas expositivas, seguindo o livro didático adotado pela instituição. Não evidenciamos nas observações participantes das aulas a presença dos conteúdos que abordam a história e a cultura dos povos indígenas.

A escola estadual investigada até então não possui uma proposta pedagógica própria, seguindo o que vem da Secretaria Estadual de Educação – SEED. Segue o mesmo padrão e a sistemática das avaliações que é a de metodologia tradicional dividida entre trabalhos, provas, tarefas de casa e exercícios tudo organizado a critério do professor em conformidade com as orientações da SEED.

Algo instiga nossa atenção quando se trata da relação família e escola, é evidente a preocupação da escola em procurar uma maneira de atrair pais ou responsáveis pelos alunos nos encontros de pais e mestres e nas demais atividades desenvolvidas na escola. Essas atividades são sempre abertas à comunidade e à família, buscando assim uma melhor relação e aproximação entre ambos.

Também é notório perceber que esse espaço da escola urbana reproduz em seu currículo somente os modelos hegemônicos de educação, negligenciando o que é diferente, silenciado, inferiorizado e distinto culturalmente. Segundo Geertz (1989, p. 15) “[...] o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” (GEERTZ, 1989, p. 15). Ou seja, a humanidade constitui-se de culturas, no plural, que

interligam as pessoas e grupos sempre atrelados a significados que os situam em relação aos 'outros'. Negligenciando as proposições de teóricos como Geertz (1989) e Laraia (1932) que consideram a necessidade da percepção das diferentes culturas, percebemos que o aluno indígena da instituição pesquisada convive e frequenta um universo cultural diverso, muito embora invisibilizado pelas atitudes e propostas pedagógicas apresentadas.

O teórico Bourdieu (1998) se dedicou a proposições relativas ao ambiente escolar. Neste sentido a escola se estrutura e trabalha em prol das classes sociais que controlam o processo político e econômico do país. Ainda nesta perspectiva percebemos que na escola urbana uma série de fronteiras e problemas negligenciados estão presentes. No lócus desta pesquisa abre espaço para muitos questionamentos: onde se encontra o aluno indígena que ali está estudando e convivendo? Qual o papel dele dentro daquela instituição? Sua identidade cultural é apontada em algum momento? A escola simboliza um lugar realmente propício a sua aprendizagem? Será que em seu sistema de ensino a escola realmente trabalha com a diversidade? Será que esta escola realmente valoriza seus alunos em suas especificidades?

Pensando de que modo a violência simbólica aparece na escola percebemos que ela está presente desde o seu currículo até ao seu plano pedagógico. O ambiente escolar deve ser plural e contemplar todos independente de gênero, raça e etnia. É perceptível que várias culturas constroem o ambiente escolar e nesse sentido os estudantes devem ser percebidos dentro de suas singularidades, no entanto isso não é verificado.

A instituição de ensino deve notar seu aluno como um sujeito que é, individual que tem sua vida, sua cultura e seus próprios costumes. Nesse sentido é preciso olhar para a escola não como uma instituição que trabalhe somente o processo de "aprender" formando seus estudantes como meros reprodutores de saber. A instituição deve ser um ambiente plural, e não um lugar que desconsidere a diversidade cultural de seu público.

Para Bourdieu (1998) não é o bastante falar da desigualdade que acontece na escola, "não é o suficiente enunciar o fato da desigualdade diante da escola, é necessário descrever os mecanismos objetivos que determinam a eliminação contínua das crianças desfavorecidas." (BOURDIEU, 1998, p.41). Para o autor é necessário encontrar essa

desigualdade e buscar verificar de que forma essa violência acontece com os alunos “desfavorecidos”.

Ainda para Tiradentes (2015) se a escola possui somente um plano escolar a ser seguido e esse mesmo é trabalhado de forma única há a grande possibilidade do não desenvolvimento do olhar para as diferenças. E, é justamente por essa razão que a diversidade cultural e social dos estudantes fica engessada a único modo.

### **Aproximações do ambiente escolar urbano no olhar do aluno Wapixana**

Tendo em vista trazer a análise dos resultados obtidos, apresentamos as categorias organizadas a partir dos objetivos específicos da investigação, sendo elas: - Atitudes do aluno indígena no contato com o não indígena; - Uso das línguas Portuguesa e Wapixana e, - Vivência da cultura indígena no ambiente escolar. Estas categorias foram construídas a partir da observação dos dados coletados na investigação. Para isso, foram observadas as recorrências presentes nos diferentes dados, sejam eles das entrevistas, observações ou mesmo do diário de campo. Com a seleção destes dados foram selecionados trechos e apresentados nas categorias de análise perfazendo assim a consolidação da Análise de Conteúdo.

O dado que trazemos para análise da Categoria *Atitudes do aluno indígena no contato com o não índio*, foi trabalhado através da observação participante na escola. No momento da atividade desenvolvida pela pesquisadora referente às línguas, foi perguntado ao grupo de alunos se eles conheciam ou falavam outra(s) língua(s). O aluno desta pesquisa veio até a mesa da pesquisadora e apresentou elementos que nos possibilitam discutir as relações de Medo, Alteridade e Violência simbólica.

Naquele momento, o aluno entrega um pedaço de papel escrito “Wapixana” e, ao perceber que os demais colegas observavam que ele conversava com a pesquisadora, o aluno rapidamente amassou o papel e voltou para sua carteira. O ocorrido demonstrou interesse do aluno na discussão que a pesquisadora, enquanto professora de Inglês, havia suscitado, pois na aula seguinte disse:

*Sabe professora, eu conheço várias pessoas e parentes que falam aquela língua do papel. Na verdade eu também falo. Eu sei trançar, sei dançar parixara (ALUNO, 2016).*

Outro fato marcante é quando a pesquisadora foi apresentada com o dicionário intitulado ParadakaryUrudnaa. O aluno se sente à vontade para se chegar e conversar sobre sua vida, seus costumes e sua língua. Ainda, nos momentos de observação e nas conversas informais indagamos se ele acha que mudou o jeito de ser depois de ter vindo morar na cidade e estudar na escola urbana. Reflexivo ele responde à professora sobre atividades corriqueiras que fazia quando morava na comunidade e hoje sente vergonha.

*Eu mudei, depois que eu vim pra cá eu mudei, eu mudei meu jeito, eu já tô começando a ter vergonha. A ter vergonha do meu povo, a ter vergonha de falar que eu sou aquilo, que eu dançava, que eu cantava músicas em Wapixana (ALUNO, 2016).*

A presença da alteridade não ocorre na escola urbana em que o aluno estuda, ele assume uma identidade diferente por não se ver respeitado pelos outros colegas, como se fosse uma posição que o sujeito se apropria de uma representação de identidade forçada, que passa a ser reconfigurada a fim de uma aceitação pelos pares.

Para Cuche (1999, p.187) “a imposição de diferenças significa mais a afirmação da única identidade legítima, a do grupo dominante, do que o reconhecimento das especificidades culturais”.

Cuche (1999) ainda é enfático em dizer que a identidade cultural surge como uma particularidade de hierarquia do que distingue nós/eles fundamentada na disparidade social existente em nossa sociedade moderna.

Assim, quando o aluno (2016) diz: “[...] mudei o meu jeito [...] não vejo os costumes de lá, eu já faço costumes daqui”, compreendemos a construção identitária do aluno em transformação e ao mesmo tempo em conflito.

Notoriamente pelo discurso do aluno percebemos a forma de como a violência simbólica acontece, essa relação “escola x aluno” “superior x subordinado”. O aluno Wapixana afirma que esquece da tradição cultural dele quando está na escola urbana, esquece seus hábitos. Com essa sucessão de conflito comparados entre as duas escolas o sujeito responde que prefere a escola da comunidade à escola que ele frequenta na cidade. Esta situação pode representar a grande influência cultural a que recai na necessidade de uma constante construção da identidade do aluno indígena.

Esta percepção de cultura é trabalhada por Laraia (1932), quando nos coloca que o conceito de cultura se traduz no modo de ver o mundo na sociedade moderna, a partir

da percepção de ordem moral, de valores e de diferentes comportamentos e posturas dentro da sociedade. Isso faz com que o homem seja produto de uma herança histórico cultural.

Neste sentido, o ambiente escolar em que o aluno Wapixana estuda nos mostra em várias atitudes a falta de preparo da escola em lidar com a diversidade. Na Constituição Federal há a garantia aos povos indígenas e o direito a educação e, ainda nos os artigos 78 e 79 da LDBEN 9394/95, as quais asseguram uma educação específica voltada para os povos indígenas. Assim, entendemos que a escola pode e tem de propor atitudes de respeito para com o outro. Em uma situação específica relatada pelo aluno Wapixana, ele destaca que tentou um diálogo com uma das professoras, mas, não lhe foi dada importância ao que ele falava, fazendo com que o mesmo se resguardasse e deixasse o diálogo com a professora. Essa situação, conforme Freire (1997) aponta, é uma maneira de não respeitar a diferença do outro, fazendo assim com que o aluno se sinta discriminado.

Esta atitude da professora e outras atitudes presentes na fala do aluno em relação aos alunos, professores e outros sujeitos da escola nos fazem evidenciar claramente a violência simbólica presente neste espaço o qual não apresenta quaisquer resquícios de alteridade dos sujeitos que nela atuam ou fazem parte.

Na categoria onde discutimos o *Uso das línguas Portuguesa e Wapixana* trabalhamos com conceitos do Bilinguismo, a Mistura de linguagens e ainda, a diferenças presentes no uso da língua na escola e na comunidade.

O fato da língua Wapixana ser usada como código de comunicação do aluno indígena instiga a pesquisadora a refletir essas atitudes, a maneira como ele se vê e demonstra sua identidade na escola. O aluno parece entusiasmado em dialogar com a professora em Wapixana; passa a usar sua língua, a cumprimentar, e a presentear com um dicionário, falar de suas atividades da comunidade comparada com as atividades que faz na escola, mostrando as diferenças entre elas. E essa realidade como pertencente à sociedade moderna, compõe a formação identitária desse sujeito híbrido e de identidades múltiplas, fragmentadas assumindo posições diferentes nas mais variadas situações de sua vida cotidiana.

Em vários momentos da entrevista e em conversa informal, o aluno indígena sempre destaca que no ambiente familiar e na sua comunidade ele usa sua língua

materna para se comunicar, e que na escola ou em qualquer outro espaço no ambiente urbano, ele usa a língua portuguesa. Neste contexto, observamos posições separadas de uso da língua que refletem sua identidade. Conforme Woodward (2000) as identidades podem ser diferentes e dependentes sendo vistas em posições separadas, pois, elas são na maioria das vezes caracterizadas pela linguagem ou por distintivos.

Desta forma, identificamos uma construção identitária do aluno através das duas línguas em que ele se comunica Wapixana e Português. Ainda para Woodward (2000), a formação da identidade “é tanto simbólica quanto social” (WOODWARD, 2000, p.10), no contexto das situações de uso das duas línguas envolvidas marcadas pelos contextos sociais diferentes em que o sujeito está inserido, ora na escola ora na comunidade.

O aluno expõe o uso das duas línguas para situações diferentes e com pessoas diferentes, no entanto restringe o uso da língua vernácula a sua comunidade; no ambiente escolar o uso da língua portuguesa, e com a pesquisadora, o uso das duas línguas. Contudo, o aluno indígena apresenta situações de medo no uso da língua Wapixana no ambiente escolar. Já na comunidade, percebemos que o uso dos códigos de comunicação se restringe à língua materna. Assim sendo ficam evidentes as diferenças de uso da língua entre os contextos a qual o sujeito faz parte.

No que tange as *Vivências da cultura indígena no ambiente escolar*, percebemos as relações com as produções artísticas; os ritos e costumes e a identidade cultural. Para o aluno Wapixana a percepção das brincadeiras que ocorrem na escola com as que ele faz na comunidade são brincadeiras distintas, as da escola são brincadeiras como futebol e jogos coletivos, e as da comunidade, embora algumas sejam as mesmas, são atividades mais pacíficas que se por ventura surgir algum desentendimento são resolvidas no diálogo.

Em seu desenho na escola o aluno indígena mostra que em suas aulas de educação física ele sempre está utilizando o celular e nos coloca que: “eu já vejo que muitos alunos assim como eu não valoriza sua cultura somente o celular, já tão só valorizando a tecnologia” (ALUNO, 2016).

A forte influência da tecnologia e da modernidade que hoje circunda a sociedade faz com que o aluno faça esse uso pois vive em uma sociedade contemporânea e a todo momento está circundado pela tecnologia. Fica evidente, a partir de um dos desenhos

feitos pelo aluno Wapixana que a atividade de educação física para ele não tem a devida importância no ambiente da escola urbana. O que podemos destacar é quando o aluno mostra a diferença entre a escola urbana e a escola da comunidade, notamos o papel das culturas escolares dentro da escola, esta cultura sendo formada por todos que fazem parte da instituição de ensino.

O aluno Wapixana cita que sua cultura não é valorizada e que na comunidade dele são discutidos assunto da cidade. De acordo com Cox e Assis Peterson (2007) e, Laraia (1932) não se nasce com uma cultura, ela é aprendida à medida que se convive com outro. O que o aluno Wapixana convive e aprende no ambiente urbano é debatido e discutido dentro da sua comunidade.

Destarte, a situação vivenciada pelo aluno indígena na escola urbana, constatamos as diferenças culturais entre os dois ambientes (escola x comunidade) onde, em algumas situações, o aluno sofre preconceito e discriminação pelo despreparo da escola e sua equipe em lidar com essas diferenças culturais.

Percebemos novamente situações de medo e inibição em representar sua identidade e sua cultura em construção, principalmente em contato com o outro, o que coloca o sujeito em situações diferentes, complexas e de conflito. A investigação com o aluno indígena Wapixana corrobora com a afirmação de Hall (2006 p. 75), “Somos confrontados por uma gama de identidades diferentes.” No relato do aluno de uma visita em uma escola da capital demonstra a vontade de sua comunidade em representar elementos da cultura e identidade indígena; no entanto, dentro do ambiente escolar urbano os indígenas foram de certa forma zombados, criticados e humilhados como relatou o aluno.

A construção da identidade aqui apresenta-se como um processo onde o sujeito, e em especial em nossa investigação, o aluno indígena Wapixana está constantemente em construção da sua identidade a partir do momento em que convive em contextos diferentes (Escola e Comunidade indígena).

Esta construção de identidade fica evidente em alguns pontos como:

1. Preocupação com a alteridade/com o não preconceito (que ele é indígena, que ele fala uma língua diferente, tem costumes diferentes);

2. Desconforto diante da visão que as pessoas têm em relação ao seu pertencimento a Comunidade Indígena;
3. Medo e inibição em representar sua identidade e sua cultura diante do outro;
4. Constantes conflitos em que se depara (diferenças da escola da comunidade da escola que frequenta na cidade);
5. Uso das duas línguas, mas dependendo do contexto. O uso da língua indígena restringe-se à comunidade e, há a troca do uso das línguas em determinados contextos e determinados sujeitos;
6. Registro da memória e a noção da importância da manutenção destas para sua comunidade.

Estes pontos sinalizam o processo de construção da identidade do aluno indígena. Neles, fica evidente nos pontos 01, 02 e 03 a violência simbólica na escola se reproduz de vários modos a primeira delas pode ser identificada pelo tratamento desigual dispensado a alguns alunos, privilegiando apenas uma parte do quantitativo que compõe a sala de aula. A violência sofrida pelo aluno no contexto escolar acontece a partir do momento em que, o mesmo sente medo de dizer que é indígena também se prefigura no momento em que ele entende que sua identidade cultural não é valorizada dentro da instituição, acontece também por ele não poder usar sua língua materna na escola.

O ponto 04 e 05 nos reportam aos constantes conflitos vivenciados ao estudar em uma escola que não atende e não valoriza a identidade cultural de sua comunidade. Já no ponto 06, percebemos que o aluno indígena tem claro a importância dos valores culturais de sua comunidade (LARAIA, 1932) e, tenta registrar sua memória através dos desenhos e da vivência na comunidade durante o período de férias e/ou feriados. Todos estes pontos são fortes evidências de como a vivência na escola urbana influencia na construção da identidade do aluno indígena pesquisado.

### **Considerações finais**

No estado de Roraima, as comunidades indígenas passaram e vem passando por momentos socioculturais complexos em termos de construção identitária no momento em que se encontram interagindo em uma sociedade educacional contemporânea/ocidental. É relevante observar os fatores históricos e culturais que

contribuem para a construção da identidade desses sujeitos, de um modo especial ao aluno indígena dentro da escola urbana, conforme foi proposto nessa investigação.

A partir dessa premissa, buscamos compreender como o ambiente escolar urbano influencia na construção identitária do aluno indígena. Essas construções identitárias são aguçadas na interação de culturas e na interlocução de sujeitos. A identidade do aluno indígena é construída não apenas a partir das peculiaridades do local/comunidade em que vive, mas sim dos locais em que o mesmo se encontra inserido, mostrando que o sujeito pesquisado venha a agir com características que aparecem em diversos lugares e circulam em diferentes meios.

Para analisar os dados da pesquisa organizamos categorias e percebemos a presença de um elemento comum que perpassa todos os momentos da pesquisa, o processo de construção identitária. Nesta construção da identidade vemos que o aluno indígena Wapixana está em constante formação de acordo com os espaços em que o sujeito convive, seja na escola, em casa ou na sua comunidade indígena.

Na escola urbana, lócus dessa pesquisa percebemos que uma série de situações faziam com que o mesmo sofresse uma violência simbólica que acabava por inibir ou sobressair uma ou outra identidade do indivíduo. Assim, foi possível observar que essa identidade é construída em um processo de alteridade, de uma tentativa de percepção e compreensão do outro, bem como as diferenças socioculturais existentes entre os grupos distintos. A violência simbólica exercida pela escola é um elemento que instiga outras perspectivas de resistência na construção da identidade do aluno indígena.

O estudo apontou também a falta de preparo da escola em trabalhar com a diversidade, evidenciando o modo como a cultura escolar está formada e engessada dentro da instituição de ensino. Isso impede o sujeito de se mostrar e ser compreendido em seu aspecto cultural, impelindo a conviver com a cultura colonizada que permeia o espaço escolar urbano.

Identificamos também a preocupação do aluno indígena quanto à valorização de sua língua materna e a impossibilidade de ser usada para se comunicar dentro da escola. A pesquisa mostrou a inquietude do sujeito em relação a preservação do patrimônio histórico e documental de sua etnia, quando expressa em seus desenhos momentos de sua vida.

O estudo apontou os constantes conflitos que o aluno vive em relação as diferenças que encontra na escola da cidade e na escola da comunidade. Através destes conflitos assume diferentes identidades demonstrando a noção do sujeito pós-moderno apresentada por Hall (2006).

Percebemos as diferenças de uso das línguas Portuguesa e Wapixana ficando restrito o uso da língua indígena a comunidade, no entanto podemos verificar a troca dos códigos de comunicação feita por ele, em determinados contextos e com determinados sujeitos.

Identificamos a inquietude do aluno com a não presença da alteridade em relação ao preconceito por ele ser um indígena que fala outra língua e possui costumes e hábitos diferentes das demais pessoas que ele convive em sociedade. E por fim, seu desalento e desconforto por meio a cosmovisão que as pessoas têm em relação a sua identidade indígena.

Entendemos que as comunidades indígenas no estado de Roraima passaram e vêm passando por uma fase sociocultural conflitante, posto que são colocados a todo instante em processos de transformações sociais, caracterizando a diversidade. Desta forma, ocorre com o aluno indígena Wapixana construções identitárias que foram representadas ao longo das categorias de análises desta pesquisa.

Com este trabalho buscamos também contribuir com a difusão da cultura e identidade do sujeito investigado, servindo de parâmetro a um planejamento educacional aproximado com esta realidade, assim como com a produção de conhecimento dentro da academia por se tratar de um tema ainda pouco explorado.

Neste sentido, respeitando as particularidades do estado de Roraima, sua cultura e diversidade étnica, este estudo trabalhou com a construção da identidade de um aluno indígena da etnia Wapixana, em contato direto com alunos não indígenas.

Acreditamos que essa interação apresentou fatores que influenciam a construção identitária desse aluno indígena dentro da instituição escolar, caracterizando-se por mudanças de comportamento de acordo com o ambiente em que ele se encontra, ora na comunidade indígena, ora na escola urbana.

Esperamos que através deste estudo novas pesquisas possam ser desenvolvidas e que norteiem novas investigações de âmbito acadêmico e contribuam para o acervo

bibliográfico de novas literaturas. Ampliando assim o olhar para a construção identitária de sujeitos que passam por situações similares à do aluno indígena Wapixana dirimindo assim, a possibilidade de situações de violência simbólicas vivenciadas no espaço escolar.

## Referências

ANDRÉ, M. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus, 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 6ª edição. Lisboa: Ediciones 70, 2011.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. 2ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A reprodução**: Elementos para uma teoria do Sistema de Ensino. 2ed. Petrópolis Ed: Vozes 2009.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 5 de outubro de 1988.

BRASIL. **Lei n.º 11.645**, de 10 de março de 2008. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 15 Set. 2015

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

COX, M. I. P.; ASSIS-PETERSON, A. A. Transculturalidade e transglossia: para compreender o fenômeno das fricções linguístico-culturais em sociedades contemporâneas sem nostalgia. In: CAVALCANTE, M. C.; BORTONI-RICARDO S. M. (Orgs.) **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1997.

FREITAS, D. B. A. P. Escola Makuxi: identidades em construção. 2003. 234p. **Tese de Doutorado**. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

FUNAI, **Relatório de Gestão 2007 CORE/RR**. Disponível em: <<http://www.funasa.gov.br/site/wp-content/uploads/2011/10/RELATORIO-DE-GESTAO-RR-2007.pdf>>. Acesso em: 14 de Set. 2015.

GEERTZ, C. **Interpretação das Culturas**. 6 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1989.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

IBGE, 2014. **Estimativa de População 2014**. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2014/estimativa\\_dou.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2014/estimativa_dou.shtm)>. Acesso em: 14 Set. 2015.

LAKATOS, E. M. MARCONI, M.A. **Fundamentos de Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2011.

LARAIA, R. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1932.

MELO, L. M. de. Fluxos Culturais e os Povos da Cidade: Entre os Macuxis e Wapichanas de Boa Vista – Roraima, 2013. **(Dissertação de Mestrado)** Disponível em:<<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Disserta%2B%C2%BA%2B%C3%Bao%20Luciana%20Marinho%20de%20Melo.pdf>>. Acesso em: 09 Dez. 2017.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura** São Paulo. Ed. Brasiliense, 1998.

SANTOS, V. S. e SECCHI D. Estudantes indígenas em escolas urbanas de Rondônia, da omissão das políticas públicas à omissão do pertencimento étnico. **Revista Reflexão e ação**, Santa Cruz do Sul, 2013.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

TIRADENTES, R. A. Violência simbólica no contexto escolar: discriminação, inclusão e o direito a educação. **Revista eletrônica do curso de direito**. PUC Minas Serro, nº 12, dez. 2015. Disponível em: <<https://ojs.franca.unesp.br/index.php/SSR/article/view%20File/136/187>>. Acesso em: 15 de Dezembro de 2017.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma discussão teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

### **Sobre as autoras**

#### **Leila Adriana Baptaglin**

Doutora em Educação, Professora efetiva do Curso de Artes Visuais/UFRR.

E-mail: [leila.baptaglin@ufr.br](mailto:leila.baptaglin@ufr.br). Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8137-0913>

#### **Wellen Crystinne de Araújo Sousa**

Mestre em Letras/UFRR. Docente da Secretaria Estadual de Educação de Roraima.

E-mail: [wellencryst@gmail.com](mailto:wellencryst@gmail.com). Orcid <http://orcid.org/0000-0002-1866-0758>

Recebido em: 27/04/2019

Aceito para publicação em: 05/05/2019